

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 5500

—Para outras localidades. 9500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

Uma Figura Notável



Dr. Júlio Dantas

ESTILISTA primoroso, cuja obra, traduzida em todas as línguas vivas—e até nalgumas orientais—projecta o seu nome por esse Mundo fora, como um dos mais altos fulgores da Literatura nacional.

Regressa à Mãe-Pátria, depois de brilhantemente ter representado no Brasil o Governo Português, na qualidade de Embaixador Extraordinário às Comemorações do IV Centenário da Baía; e ainda, depois de lhe terem sido impostas, no Rio de Janeiro, as insígnias de doutor *honoris causa*.

Daqui, endereçamos ao notável escritor e ilustre algarvio as nossas mais calorosas felicitações.

O Clube Recreativo Tavirense e a Marcha Folclórica de Tavira

NO PASSADO DOMINGO, pelas 22 horas, conforme noticiámos, a Direcção da Banda de Tavira foi ao Clube Recreativo Tavirense fazer entrega da taça alcançada pela «Marcha Folclórica» de Tavira, pela sua excelente exibição nas festas populares, promovidas pela Banda de Tavira, o ano passado, no Parque Municipal.

A Direcção do Clube Recreativo tinha também escolhido aquela noite para oferecer um Porto de Honra aos componentes do seu grupo cénico.

A entrada dos convidados no salão de festas deu ensejo a uma estrondosa manifestação por parte das gentis meninas que prestaram a sua colaboração no grupo cénico.

Usaram da palavra o sr. Capitão Jorge Ribeiro, ilustre presidente da Câmara Municipal, o nosso Director e o sr. Dr. Rocheta Cassiano, que foram bastante aplaudidos.

Durante o «Porto de Honra», os componentes da revista «O Zé da Arcada» exibiram alguns dos seus números, tendo recebido muitos aplausos.

A interessante festa terminou com um animado baile.

O sr. Capitão Jorge Ribeiro, ao fazer a entrega da taça á Direcção do Clube Recreativo Tavirense, agradeceu a preciosa colaboração que lhe havia sido dada por aquele Clube, nas festas em benefício da Banda de Tavira, e pediu que, para as próximas

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Fátima, Luz do Mundo

UMA VEZ MAIS a data de 13 de Maio, aquela em que todo o Mundo Católico celebra a primeira aparição de Nossa Senhora aos três videntes da Cova da Iria, foi celebrada entre nós com uma das maiores peregrinações de que há memória ao Santuário que se ergue no local onde a Virgem desceu a comunicar a sua mensagem aos humildes pastorinhos de Fátima. E uma vez mais, de todos os recantos do Mundo, desde o afastado continente americano á longínqua Ásia, peregrinos de todas as raças, gente falando todas as línguas, subiu a Serra de Aire para, no local das Aparições, prestar culto á Virgem Mãe de Deus que quis escolher a Terra Portuguesa, seu feudo secular, para dirigir aos homens a sua mensagem celestial.

Graças á Virgem Padroeira, Graças á luz que de Fátima irradiou para todo o Mundo, o nome de Portugal, a velha e fidelíssima Terra de Santa Maria ecoa por todas as fronteiras, perde-se vibrante e altíssimo por todos os continentes.

Portugal é, em nossos dias, de novo, portador duma grande, duma esplendente Missão espiritual.

Foi em Fátima que, podedizer-se, se iniciou o renascimento espiritual do Povo Português, renascimento que haveria de anteceder de perto, diremos mesmo imediatamente, toda a grande e extraordinária obra de Restauração nacional.

O Portugal que nasceu no regaço da Virgem Santa Maria á qual o nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, consagrou o Reino Conclui na 2.ª pág.

A bem da Língua Portuguesa

Rememorando a doutrina de um Decreto esquecido

NO DECRETO N.º 17.950, de 6 de Fevereiro de 1930, encontra-se a afirmação de que «ao Governo incumbe defender a pureza e o prestígio da língua portuguesa». Esta verdade corresponde a uma das mais elevadas directrizes da política nacional. Estão, pois, fundamentadas as esperanças de todos os filólogos e amigos da boa linguagem que confiam na intervenção das entidades oficiais em defesa do idioma pátrio. Todos quantos solicitam a publicação urgente de um novo e completo decreto, para que tal defesa se possa exercer com a máxima autoridade e em mais amplo campo de acção, não devem aguardar por muito tempo que lhe seja satisfeito tão legítimo desejo, aliás originado no mais profundo e sincero patriotismo.

Houve outra quem julgasse ser esta questão da defesa do idioma pátrio um assunto que apenas competiria ao Ministério da Educação Nacional, mas está hoje reconhecido pela generalidade dos filólogos que a acção do ensino escolar, por mais demorada e intensa, não é suficiente.

Conclui na 3.ª pág.

Cartas de Portugal (1)

TERRAS DE BRAGANÇA

De ANTERO NOBRE

Bragança, 27 de Abril de 1949

COM ESTA MINHA ainda que rápida visita a terras de Bragança completa-se o meu conhecimento de Portugal. É verdade que o não percorri «palmo a palmo» e muitas localidades, interessantes certamente sob todos os pontos de vista, e muitos trechos de paisagem dignos de admiração me ficam ainda totalmente desconhecidos; mas porque visitei já todas as cidades, sem faltar uma, pelo menos dois terços das vilas e muitas aldeias e lugares dos mais importantes e percorri, de automóvel e de comboio, algumas dezenas de milhar de quilómetros, vendo com «olhos de ver» e sentindo com coração amoroso da terra onde nasci as mais formosas e famosas regiões e os mais belos e significativos monumentos, posso talvez, agora, sem estultícia e sem mentira, antes com certa razão e justificado orgulho, afirmar que conheço todo o meu País!

Com efeito, tendo começado a minha peregrinação — deixem-me chamar-lhe assim, porque comoromeiro do Portugal lindo e heroico sempre me considerei nestas andaças viajeiras, mesmo quando provocadas pelos afazeres profissionais — aí por 1933, então como redactor de um jornal lisboeta onde ganhava o meu magro passadio e tendo-a continuado, depois de um interregno de oito anos em que voltei a residir no nosso Algarve, em meados de 1948, agora por força das minhas novas funções oficiais, — só me tinha ficado praticamente por ver este canto norte de Portugal, que é a Província de Traz-os-Montes. Em 1939 visitara já, é certo, uma boa parte do distrito e a cidade de Vila Real, indo, embora de fugida, até á quasi fronteira e bem pitoresca Chaves, e em 1945 assistira, á sombra da velha e nobre Sé mirandesa, ás comemorações centenárias da formosa e vetusta Miranda do Douro; mas ali, tanto num lado como noutro e salvo apenas de Vila Pouca para cima, no vale do Tâmega, não é perfeitamente Traz-os-Montes e sim ainda Douro — Alto Douro, se quiserem —, quer na paisagem e nos usos e costumes, quer mesmo, de certo modo, na própria toponímia oficial.

Traz-os-Montes é principalmente aqui, nestas terras de Bragança, que há dois ou três dias percorro, aproveitando ávida e jubilosamente todas as pequenas folgas das minhas ocupações profissionais, para as ver e auscultar e as tentar compreender em todos os seus aspectos e em todas as manifestações do seu povo. E, devo desde já dizer: não estou decepcionado; apesar de quanto lá por baixo me disseram em desabono desta Província, ela na realidade encanta-me, até naquilo que, possivelmente, desagrada ou mesmo confrica os que a têm visto apenas com os sentidos presos ao seu conforto pessoal ou com o espírito enfeitado — ou embotado! — pelo epicurismo das urbes modernas e cosmopolitas!

É agreste, sim, quasi tudo isto. É agreste, mas belo; por vezes é mesmo grandioso, aqui é ali até magestoso, mas não lhe faltam por toda a parte, igualmente, para acalmar a tensão nervosa das emoções fortes, os quadros suaves, de um gracioso sorridente e quasi musical.

Aquela viagem de perto de cinco horas, das ribas do Douro até Mirandela, ao longo das margens escarpadas do Tua, contornando e subindo a penhascosa Serra de Bornes, quasi sempre na beirinha de percipícios abismais muitas vezes cavados na rocha lisa e a pique, onde o miniaturol comboio parece que vai despenhar-se a cada momento e resfolga de contínuo num esforço titânico das suas duas locomotivas, como que para dominar a vertigem, — aquela viagem pode, de facto, ser incómoda, mas é prene de beleza, repleta de perspectivas grandiosas e pano-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Elixir da Vida

Meu caro Manuel Pires:

ORISONHO ARTIGO de Damião de Vasconcellos (pessoa que não tenho o gosto de conhecer, mas que me habituei a desejar e apreciar nas páginas do v/ jornal), publicado com o título acima, no último número, sobre um dos mais interessantes aspectos da filosofia da Medicina antiga, incitou-me a escrever meia duzia de linhas, acerca de um outro ângulo, não menos sugestivo, da profissão médica, na história popular de Portugal.

Quero referir-me ao exercício legal das especialidades clínicas, entre nós, em plena Renascença e, já, também, na chamada «Idade Moderna» da História Universal.

Sousa Viterbo, esse ciclópico cérebro de historiógrafo portuense, menciona, com a autoridade que ninguem lhe contesta, cartas, passadas durante o séc. XVI, a *algebristas e catarateiros*, para curar hérnias, para que tirassem pedras, para extirpar «lobinhos», para tratar de chagas na garganta, ou de alporcas, ou de corrimentos, ou ainda, para endireitar espinhelas. Estes indivíduos, possuidores de cartas oficiais, apenas estavam autorizados, legalmente, ao tratamento nelas especificado, como acima se produz exemplo.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Festejos Populares e 2.º Concurso Concelhio de Marchas Folclóricas

PROMOVIDOS pela Banda de Tavira, vão realizar-se os tradicionais festejos populares no Parque Municipal, desta cidade.

Dos seus números faz parte o 2.º Concurso Con-



BANDA DE TAVIRA

celhio de Marchas Folclóricas, que tão grandioso êxito obteve o ano passado.

Concorrerão, como no ano findo, as «Marchas Folclóricas» das freguesias rurais, organizadas, respectivamente, pelas suas Casas do Povo.

Os ensaios deverão começar dentro de breves dias.

As Marchas Folclóricas apresentarão novos números de música da autoria do maestro Herculano Rocha, que será também o ensaiador das referidas marchas.

No próximo número do nosso jornal daremos aos nossos leitores pormenores mais detalhados sobre o assunto.

Para que se possa manter uma Banda á altura daquela que actualmente possuímos, é necessário recorrer ao produto dumas festas anuais; pois, sem esse poderoso auxilio, que no ano findo rendeu vinte e tal contos, ela não se poderá manter,

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

AVENÇA

PELA CIDADE

Mês de Maio—Estão a decorrer com grande brilhantismo, na paroquial de S. Tiago, as cerimónias religiosas do Mês de Maio.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira—Os foros podem ser pagos aos domingos e segundas-feiras, das 10 às 12 horas, na Secretaria do Hospital. Fora destes dias, também se pode atender sobre assuntos de foros e juros na Casa Brasil, desta cidade.

No Serviço de Cirurgia Geral, no dia 7 do corrente, foram feitas 9 operações, sendo:

Uma Gastrectomia, quatro Apendicectomias, uma Amputação da perna esquerda, uma Cura operatória de Hernia, uma Estirpação de quisto e uma Esterectomia.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

«O Zé da Arcada»—A pedido de algumas pessoas que não puderam, por qualquer motivo, assistir ás representações desta revista local, «O Zé da Arcada» vai ser levado mais uma vez à cena, dentro de poucos dias, em benefício de qualquer instituição da cidade.

Com a necessária antecedência avisamos os nossos leitores, pois a exibição deverá, talvez, ser feita nos primeiros dias do mês de Junho.

Concertos no Jardim Público—Aproxima-se o Verão, a época dos concertos musicais no nosso jardim, que este ano, tal como a Banda se encontra, prometem ser interessantes; e, nesta conformidade, muito embora tenhamos conhecimento que a Câmara tem em projecto mandar pintar o coreto, não será inconveniente lembrar que estamos na época própria.

Tanto a pintura como a reparação do coreto são necessárias, tanto mais que, no dizer dos técnicos, ele é dos que possuem excelentes condições acústicas e, no seu estilo artístico, é dos mais lindos que conhecemos.

Teatro António Pinheiro—Espectáculos da Semana—Hoje, apresenta Louise Carletti, no meio de Henry Garat e Georges Rollin. Seduz-nos com a sua graça, a sua arte e a sua vivacidade em *Já sou Mulher*.

Uma deliciosa comédia que nos faz rir, a cada momento, em cenas joviais.

Em complemento, *Gabriela*. A história dum grande amor, como raras vezes o Cinema têm contado. A revelação duma artista genial, Gusti Huber. Um dos mais absorbentes filmes dramáticos do ano.

Quinta feira, 26, *Os Últimos Filipinos*.

Um grande filme espanhol, com José Niete.

Brevemente, dois grandes filmes Portugueses: *O Leão da Estrela*, com António Silva, e *O Fado*, com Amália Rodrigues.

Novo Horário dos Comboios

A partir de ontem, o comboio correio, que chegava a esta cidade às 8,30 horas, passa a chegar às 7,55 horas; portanto, a distribuição da correspondência também passará a ser feita mais cedo.

D. Umbelina S. de Almeida Cruz de Matos Parreira

Missa do 90.º dia

Celebra-se no próximo dia 23 do corrente, pelas 11 horas, na paroquial de S. Tiago, uma missa, sufragando a alma da senhora Dona Umbelina S. de Almeida Cruz de Matos Parreira.

A família reconhecidamente agradece a todas as pessoas que se dignem honrar com a sua presença o piedoso acto.

Cinco Meses no "SAGRES" Navio - Escola

(Continuação do número 775)

Passaram assim alguns dias. De noite, acompanhados vigilantemente pelo Cruzeiro do Sul, como se fora a estrela ou as estrelas protectoras, e de que tenho recordação viva como dum companheiro de viagem.

Já se sente as águas do Rio Zaire, a cerca de oitenta milhas da costa.

E' avistada terra pela madrugada, tendo-nos recebido com um forte aguaceiro que nos deixou encharcados até aos ossos. Ribombava a trovoadas. Estava de leme e, mesmo preparado para a borrasca, sentia correr uma água fria pelas costas, que me saia pela perna das calças.

Chegámos, finalmente, a Luanda no primeiro dia de Dezembro daquele mesmo ano. Iluminações de gala ornavam os edificios públicos, relembrando o dia festivo da nossa independência.

LUANDA é uma cidade como as do Continente, mas grande, maior que qualquer cidade de província. Largas avenidas, algumas dando a ideia das avenidas novas, em Lisboa; belos estabelecimentos comerciais que rivalizam com os melhores da nossa Capital. A sua entrada é magnífica, chamam-lhe as Portas de Mar, um pequeno cais de embarque, logo seguido de quatro altas colunas de pedra; um jardim que tem ao centro a estátua de Pedro Alexandrino, um dos muitos heróis que ajudaram a nascer esta riquíssima colónia.

A' direita, o edificio dos Correios; pela esquerda, o Hotel Paris.

Tem uma moderna sinalização luminosa, um cinema, que nada fica a dever aos melhores de Lisboa, um estádio desportivo, inaugurado em mil novecentos e trinta e oito pelo Senhor Presidente da República; importantes edificios públicos, um monumental palácio do Governador, uma longa avenida que nos conduz ao Hospital Civil, tendo a inicia-la a estátua do fundador da nossa Pátria, D. Afonso Henriques.

O seu cais acostável ainda estava em construção nessa época em que a visitei, mas, nem por isso, o Soba da ilha deixou de vir cumprimentar o nosso Comandante, acompanhado da sua comitiva e dum secretário particular com a pasta dos títulos.

O seu peito é constelado de medalhas de ferro e latão, e os títulos das mesmas são redigidos

Festejos Populares

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

E só assim se conseguiu mandar reparar o instrumental e fazer fardamentos de Inverno.

Já estão também a ser executados os novos fardamentos de Verão, que a Banda deverá estrear dentro de breves dias.

Sem uma boa banda de música, com um regente de categoria, não é possível fazerem-se outras manifestações artísticas que dependam absolutamente destes factores, como sejam, récitas-teatrais, grupos orfeónicos e folclóricos, etc.

Todos os tavirenses têm, pois, o dever moral de apoiar a mais importante organização artística da nossa terra.

Logo que as comissões dos Festejos Populares estejam organizadas, informaremos os nossos leitores.

na mais fina linguagem humorística.

Segura uma espada de folha e uma farda branca de oficial de Marinha, modula-lhe o corpo. Come sem descansar um prato enorme de carne guisada com massa. Faz a continência e retira-se no dongo real.

Passou uma dezena de dias e a SAGRES parte para o porto e cidade do Lobito, aonde vamos passar o Natal e Ano Novo.

São mais dois dias de navegação, acompanhados por cardume de tubarões que nos escoltam, aproveitando a babugem do navio. Caixotes, garrafas, eles tentam engolir como fazem com os desperdícios de comidas que saem constantemente pela borda fora.

Estes repugnantes bichos, de pele viscosa e acinzentada, têm a boca na parte inferior da cabeça e possuem em cada uma das suas enormes maxilas quatro fileiras de dentes serrilhados. Tive ocasião de observar um desses repetentes peixes, apanhado por pretos e trazido para o nosso navio a reboque de um dos seus barcos talhados em troncos de árvores, como os dos homens primitivos. Mas, voltemos ao que interessa. Media este enorme tubarão, não pertencia à família «martelo», um metro e noventa de comprimento, pesando para cima de cem quilos. Depois de aberto, o seu cheiro é insuportável, mas nem por isso os pretos deixam de cozinhar a sua carne, para ser comida como maravilhoso pítéu.

Voltamos de novo à ansia de conhecer uma terra nova aos nossos olhos, ávidos de coisas belas e de aventuras.

Entrámos, pelo meio-dia, na barra do canal, formado pelo continente e a língua de terra onde está situada a cidade e o molhe. Um padrão, esculpido em pedra branca, marca a simbólica visita presidencial em 1938. Uma casa, outra casa, uma ponte de madeira, uma estação de rádio, que mais tarde vim a saber ser o Rádio Clube Sul de Angola, uma piscina, com seus guarda-sois garridos e mças tostadas, apanhando o calor do Astro-Rei.

A gaiota branca da nossa Marinha desliza tranquila, sulcando as águas mansas daquela terra africana.

Dum lado, a montanha, escura acastanhada; do outro, a cidade, o cais onde vamos atracar. Temos o «Angola» na nossa ré, que solta as espias de terra porque vai largar. Chegam uns, partem outros.

Aqueles enormes alcatruzes de bôjo negro, deitando rolos de fumo pela chaminé onde está pintado o distintivo da companhia, levam para destinos diversos o fêmeigo humano que enche todos os portos. Uns que regressam à família, outros que se afastam, procurando-lhes o sustento e futuros dias melhores. Há os que juntam pé de meia, fumando de charuto, usando anéis caros e conduzindo luxuosos automóveis, mostrando assim a opulência e a sua superioridade financeira. Outros voltam só com as saudades que levaram e a saúde em derrocada. Febres os atacam sem piedade, mas eles têm de vencer, têm de mostrar aos conhecidos, aos amigos a verdade das suas convicções.

Mais licenças—e divagamos pelas poucas ruas da cidade descomunalmente comprida. E' tanta a distância que separa o mar da língua de água que forma o porto, que o oceano, em dia de tempestade, galga a terra e passa ao porto.

LUIZ RIBEIRO

Marcha de Santo Estêvão

A fim de tratar de assuntos concernentes à ida do «Grupo Quatro Cantinhos», de Santo Estêvão, ao Concurso Folclórico de Madrid, esteve em Tavira, no passado domingo, acompanhado de sua esposa, o sr. Dr. José Gentil Pires da Silva, delegado da F. N. A. T.

Um Grave Desastre

No dia 19, pelas 15 horas, no sítio do Pero Gil, freguesia de Santiago, e na propriedade do sr. Manuel Pedro Cabrita Júnior, comerciante, desta cidade, quando o caeiro da mesma propriedade Manuel Libânio andava juntando molhos de trigo e sua mulher lavava roupa num tanque, ouviu-se uma grande detonação; e, correndo para o sítio donde ouviram o estrondo, depararam com um arrepiante quadro: Viram, então, junto à porta do estábulo das vacas, metade de um corpo humano, que verificaram ser do seu criado Diamantino Costa, de 11 anos de idade, natural da freguesia de Vaqueiros, concelho de Alcoutim, filho de João Costa.

Porto deste, estilhaços de uma granada explosiva de lança-granadas e uma inteira. Presume-se que o garoto tivesse encontrado as granadas numas elevações próximas, onde é frequente haver exercícios militares, as quais, por qualquer motivo, não tivessem explodido; e, ao brincar com uma delas, batendo com o cartucho numa estaca de ferro, que estava pregada na parede, rebentou, de que resultou ficar o corpo completamente esfacelado.

Canção

por A. Garibáldi

Disse-te que ando a compor um poema para ti, chelo de amor,

E tu sorriste e eu sorri.

E quiseste ouvi-lo e ve-lo,

Divina curiosidade, que é o pecado mais belo e a mais bela qualidade que a mulher caracteriza: há muito defeito negro que enche de cor e luariza o nosso espírito...

Ando a compor um poema de estrelas, para te dar.

A Inspiração ful-bebe-la a uma fonte de encantar, que é a luz do teu olhar; e nessa luz há um luar a brilhar, e uma estrela.

E o teu olhar parece uma avariação aureolada no ar, ohela de luz e ilusão,

Deixa-me olhar para ela, e dentro do coração beljá-la muito, e prende-la...

Braga, 49

(Inédito)

Fátima, Luz do Mundo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

recém-fundado, o Portugal que, sob a protecção de Nossa Senhora, venceu em Aljubarrota como, depois, sob o manto da Imaculada, em 1640, expulsaria o estrangeiro usurpador, para restaurar, enfim, a independência perdida, é o mesmo Portugal que revive com Fátima e continua no Mundo deste tempo a mesma missão ecuménica, evangelizadora e apostólica que outrora o levava por terras e mares ignotos a dilatar a Fé e o Império.

Fátima é hoje o nome de Portugal, ecoando magnífico por entre povos e nações. E aqueles que, como ainda agora aconteceu, sabem desde as mais remotas e longínquas paragens para ajoelharem aos pés de Nossa Senhora, na Cova da Iria, vão ser depois, no regresso, testemunhas vivas deste novo e perene milagre da Virgem Padroeira, que é a nossa vida em paz e progresso, que é a glória magnífica desta prova de Renascimento, sem igual, vivendo ao calor desta luz sem par, que, vindo de Fátima e abraçando toda a Terra Portuguesa, a sempre velha Terra de Santa Maria, ilumina já o Mundo inteiro, mesmo nos seus mais recônditos recantos.

TAVIRENSES:

Auxiliai o vosso Hospital

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Em 23—D. Maria José Rodrigues Santos, D. Maria Helena de Jesus Conceição e sr. José Filipe Ribeiro.

Em 24—Sr. Manuel Joaquim Barradas. Em 25—Srs. José António Viegas Conceição e Carlos Lopes Bramão.

Em 26—Sr. António Vaz Rodrigues e D. Maria do Carmo de Jesus Zacarias. Em 27—Sr. Francisco Maria de Araújo Ribeiro.

Em 28—D. Elia Fernandes Garrana.

Partidas e Chegadas

De visita a seu genro, sr. Dr. José Neto do Amaral e Pereira da Silva, meritíssimo Delegado do Procurador da República, nesta comarca, encontra-se nesta cidade o sr. Dr. António Mendes Cabral, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, em Seia; sua esposa, sr.ª D. Maria de Lourdes da Rocha Cabral, e sua filha sr.ª D. Ana Maria da Rocha Cabral.

—Vimos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Padre Carlos do Nascimento Patrício, director do nosso colégio «A Folha do Domingo», de Faro.

—Em viagem de negócio, partiu para Évora o nosso prezado assinante e confrãneo sr. Vasco Camilo Martins, viajante duma importante firma comercial do Porto.

Doentes

Encontra-se doente o sr. Joaquim António Cordeiro Peres, solicitador, residente nesta cidade.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Com excelente resultado, foi operada no Hospital da Misericórdia desta cidade, pelos médicos operadores nossos confrãneos, srs. Drs. Fausto Cansado e Renato Graça, a sr.ª D. Maria da Graça Costa Leite, esposa do sr. Dr. Jaime Costa Leite, distinto médico, residente em Lisboa, que se encontrava nesta cidade, de visita, na casa do nosso amigo sr. Eduardo Rafael Pinto Júnior, proprietário.

A senhora, que entrou em franca convalescença, já retirou para sua casa, em Lisboa.

Necrologia

No passado dia 14 do corrente, faleceu nesta cidade o nosso prezado assinante sr. Francisco Pedro Maldonado, de 76 anos de idade, viúvo, proprietário, natural de Tavira.

O falecido era irmão das senhoras D. Rosa Maldonado Centeno e D. Maria das Mercês Maldonado Centeno. Tio dos nossos assinantes srs. Dr. João Centeno, advogado, em Lagos, e Alberto Centeno, proprietário, residente em Tavira.

No seu funeral, que se realizou na manhã do dia 15 do corrente, incorporaram-se muitas pessoas amigas do falecido e da família.

A' família enlutada, a expressão do nosso pesar.

Agradecimento

José Joaquim Leiria, Carolina Ferreira Leiria e Maria Bebiana Leiria, na impossibilidade de o poderem fazer pessoalmente, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à ultima morada a sua saudosa irmã, cunhada e tia, Mariá das Dores Leiria, e bem assim a todas as que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu pesar.

Ciclismo em Tavira

Para inauguração da nova época, realiza-se hoje, pelas 16 horas, no Campo de Jogos do Ginásio Clube de Tavira, um grande festival em pista, no qual tomam parte as fortes equipas do «Loulitano Desportos Club» e «Ginásio Clube de Tavira» chefiadas, respectivamente, pelos azes Joaquim Apolo e Manuel Palmeira.

Programa:

I Prova—20 Voltas para alunos (corredores até 18 anos).

II Prova—Eliminação para Amadores.

III Prova—Eliminação para Independentes.

IV Prova—40 Voltas para Amadores.

V Prova—100 Voltas para Independentes.

Clube Recreativo Tavirense

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

festas a realizar no Verão, lhe continuassem a prestar o mesmo apoio.

A Direcção do Clube Recreativo, que é constituída por pessoas animadas duma extraordinária força de vontade, está sempre pronta a coadjuvar e apoiar todas as belas iniciativas—e só assim se justifica que, em quase todas as manifestações artísticas que se realizam na cidade, o Clube Recreativo se veja bem representado.

O ELIXIR DA VIDA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Muitas destas autorizações foram passadas a mulheres: — V. G., a Maria Gomes, foi concedida licença, em 1517, para curar muitas doenças com o sinal da cruz e com várias ervas, «sendo-lhe, porém, proibido benzer por ourelas». Muitas outras curandeiras oficiais os velhos códices conservaram, para a posteridade curiosa: Margarida Dias, de Setúbal, obteve licença para «curar alporcas, boubas e chagas velhas». Francisca Vaz, de Santarém, para «tratar da tinha, alporcas, chagas velhas, couças quebradas e fóra do seu lugar». Isabel Mendes e Maria Lopes, «para curar doenças de olhos e pôr sedenhos e ventosas», etc. Isabel Martins Barqueira, de Montemor-o-Velho, obteve licença de D. Afonso V, para «usar a arte de Cirurgia em todos os seus reinos e senhorias, portanto, até nas localidades onde ouvesse cirurgiões habilitados». E, já no reinado de Manuel I, foi passada licença; pelo Físico-Mór, após o competente exame, a uma mulher, discípula de Mestre Rodrigo de Machial, «para que exercesse a arte de curar, em todas as terras onde não houvesse físico».

Como não podia deixar de ser, Gil Vicente, esse fundador viril de uma arte que em Portugal quase tende para a extinção, Mestre Gil, «que fez os autos de El-Rei», deixou-nos o retrato, fiel e sempre vivo, destas «doutoras» de quinhentos, que tanta aceitação tinham, na sociedade de então, como se viu acima.

Quero referir-me à «comadrona» Brázia Dias, da Farsa dos Físicos, sabichona, de medicina popular e remédios caseiros, supersticiosa, e, por sua vez, exploradora da superstição alheia. Ela é, na farsa, o modelo que representa o saber profano, espectral de mão cheia, mas intuitiva e empírica. Ela vai falar, com grafia moderna, acessível a quem não esteja familiarizado com a maneira de quinhentos. Trata-se de um clérigo, que morre de amores por uma sua vizinha, a qual lhe não paga na mesma moeda e o tem comido de ciúmes e desprezo. Eis o diagnóstico, a terapêutica e... o prognóstico:

(Entra Brázia; vê o doente e diz):

—Que é isto, compadre amigo?

Dozmitais descoberto e arrefeceu o úmbrigo!

Não é senão frialdade; —Ponde-lhe u'a telha quente.

Ui, compadre, esforçai

Nunca outrem foi doente!

—Tomai ora um suadoiro,

de bosta de porco velho

e, com unto de coelho,

esfregai o pousadoiro

e crede neste conselho.

—E, se de quebranto for,

tomai o incenso belo

e o sumo de um marmelo

e as favas da Guiné

e untai o colovão...

Sim, e se for «priorisa» — (1)

tomai de guabelha

pisada com fel de ovelha.

E se for de «cadarrâm» — (2)

comei caramujos quentes,

como se fossem ferventes;

e mexilhões cozerão

porque são quasi parentes.

E, se for «cólica passa»

que nasce das «badarrinhas»,

tomai do sumo das vinhas;

E, acola (estd) a sôpa nas brasas:

—E' sorver estas mézinhas.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

TERRAS DE BRAGANÇA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ramas maravilhosos e cheia de emoção para quem a realiza, como o é ainda depois, mais acima, sobretudo entre Romeu e Rossas, já a caminho de Bragança, quando a via férrea atravessa coleante os contrafortes da Serra da Nogueira até quasi um milhar de metros de altitude, por entre um sobreiral imenso, que parece ter brotado milagrosamente da rocha viva. E exactamente o mesmo acontece com a viagem para Miranda, esta na linha do Sabor, para lá do Pocinho, quando nos afastamos das margens do Douro, avançando para o interior da Província, e se sobem os contrafortes da Serra de Mógadouro, deixados para traz os hortijos verdejantes e os olivais magníficos de Fozcôa e Torre de Moncorvo.

E que dizer do espectáculo que ao viajero oferecem as planuras — que também por aqui as há, sobretudo cá para cima, nas terras mais altas — e pelos terrenos apenas ondulados de colinas e outeiros, umas e outros sobretudo nesta primavera de chuvas tardias, que tardia mas exuberantemente fizeram despontar o verde multi-tons, aveludado e rumoroso, das folhagens, desabrochar o amarelo vivo e o vermelho-sangue das flôres silvestres, avivar-se o verde-amarelo ondulante das messes, de centeio e avermelharem-se e acastanharem-se ainda mais as terras ensooadas, convertendo as paisagens em policromias maravilhosas, sob a luz intensa de um sol que poalha de ouro o ar e a terra? Que dizer das margens dos rios e dos ribeiros, quando correm fóra das zonas penhascosas, com as suas constantes molduras arbóreas, em que os choupos, os salgueiros, os castanheiros e as amoreiras perdominam e não poucas vezes se entrelaçam em verdes túneis, por sob os quais correm as águas, despenhando-se a cada passo em formosos e espumantes açudes? E das pequenas aldeias de meia dúzia de casas de pedra negra e ruas em côrregos ligeados ou colmeados, no meio das quais só sobressaem e se divisam a distância as manchas alvas das minúsculas capelas, muitas vezes alcandoradas num outeiro ou num penhasco? E então aqueles quadrinhos rústicos, quasi líricos, dignos da paleta de qualquer grande pintor, que a intervalos nos surgem no meio dos vales, onde os choupos e os salgueiros se dão as mãos por cima dos regatos límpidos e murmurantes, fazendo sombra a modesto casal envolto em roseiras de toucar? Dos olhos não me sai mais aquela imagem fugidia, que o comboio na sua carreira mal me deixou fixar próximo de uma estação (creio que a de Azibo), onde os salgueiros emolduram uma velha ponte romana coberta de éras e rosas bravas, sob a qual brincavam meia dúzia de patos, nas águas de um riacho de margens sombreadas de salgueiros e choupos e ajardinadas por sardinheiras rubras, imagem onde nem sequer faltava, para completar a sugestão virgiliana, uma gentil e linda lavadeira, batendo a roupa no ritmo de uma canção, que o ruído da locomotiva abafou, mas de que o vento me trouxe ainda aos ouvidos a palavra «amor»!

Oh, não! Traz-os-Montes não é uma Província desagradável e feia: é, como as outras, uma bela, uma maravilhosa Província deste maravilhoso Portugal!

Mas... e as cidades e vilas?... Ah, as cidades e vilas!...

Sim, Bragança, que é a capital do distrito e sem dúvida a melhor das suas povoações, não tem ainda aquilo que ultimamente, neste país, se convencionou, não sei bem porquê, ser indice seguro de progresso: faltam-lhe os «nabos» de feitiços esquisitos na iluminação pública; não se encontram ainda, nas suas ruas e praças, aqueles espécimes arquitectónicos estilo «mestre de obras» ou «estilo caixote», que as nossas terras lá de baixo ostentam com tanto orgulho como falta de gosto; as calçadas são todas à antiga portuguesa e já bem antigas; de «cafés», tem um «por junto» e não é monumental e nem sequer modernista; os seus jardins ainda não foram geométrificados nem cortados «à escovinha», no rito inglês, e as flôres e plantas ornamentais crescem neles «à lei da natureza», entrelaçando-se em caramanchões rústicos e coloridos; os edificios são quasi todos muito antigos e alguns muito velhos, teimando os seus proprietários — ai em baixo diriam que «retrógradamente» — em manter-lhes as características e as pedras de armas já fóra de moda; e por fim, o próprio município, embora restaurado o antiquíssimo castelo e a velha muralha, persiste em conservar dentro dela e habitado aquele casario minúsculo, pobre, aparentemente a desfazer-se, mas que, se não é tão antigo nem histórica e arquitectonicamente tão valioso como a «joia única» da românica «domus municipalis», que lhe fica em frente, viu no entanto passar entre as suas paredes e sob os seus tetos, durante séculos, gerações de bravos defensores da independência pátria.

Mas se é exactamente isso — o que lhe falta para lhe dar fóros de progressiva no conceito de certa gente e o que ela ainda conserva e lhe dá fama de inhospita no gosto de muita outra —, se é exactamente isso o que lhe dá caracter, o que a distingue, o que a torna única? Se Bragança fosse diferente do que é, como seria possível compreender hoje aqui os velhos braganções que ilustram as páginas da história heróica dos primeiros tempos da nacionalidade? E, no entanto, esta tarde, quando atravessava a muralha, pareceu-me ouvir ecoar sob as abóbadas os passos do grande braganção Fernão Mendes, que foi cunhado de D. Afonso Henriques e reconstrutor e primeiro castelão português de Bragança; e depois, ao sentar-me por momentos nos umbrosos e coloridos jardins do sopé do castelo, contemplando as pedras negras da velha porta bragantina, pareceu-me ver em frente dela Nun'Alvares Pereira, entestando os seus infanções, a interpellar o castelão Pimentel, imponente no alto do primeiro adarve e renitente em aderir à causa do Mestre de Avis, e nos meus ouvidos como que vibraram aquelas palavras fortes do futuro Condestável, que o crônista Frei D. Teixeira registou para a posteridade e para a celebridade: — «Mudai de opinião porque os homens os torna maiores que o esforço o deixarem-se vencer pela razão»!

Bragança, afinal, como as terras que a rodeiam e de que hoje é cabeça, não é tão feia, nem tão agreste, nem tão inhospita como lá por baixo dizem os que a viram, mas decerto a não compreenderam nem sentiram: para a minha sensibilidade, pelo menos, é antes uma interessante cidade, que nos seus velhos edificios constitue autêntico museu, nas evocações históricas das suas pedras antigas e das suas ruas mediévas representa um verdadeiro «cronicon» vivo dos tempos primévos da nacionalidade e nas suas «paisagens» urbanas um benéfico refrigerio e poderoso estímulo para os espiritos amodorrados e cansados pelo estandartismo das cidades pertenciosamente «modernas» e ficticiamente «progressivas»...

ANTERO NOBRE

Pela Província

Santo Estêvão

A fim de tratar de assuntos que se relacionam com a deslocação do Grupo Folclórico ao Concurso Internacional de «Canciones y Danzas Populares», que, no principio de Junho, se realiza em Madrid, visitou esta aldeia o sr. Dr. José Gentil e sua esposa, os quais se faziam acompanhar pelos srs. Isidoro Pires e João Aldomiro de Sousa.

Os visitantes, que foram recebidos na Casa do Povo pelos srs. José dos Santos Cavaco Júnior, Ventura Fernandes Marques e Daniel Carlos Flor da Rosa, declararam que a partida do mesmo se devia efectuar em 27 ou 28 do corrente para Lisboa.

O Grupo Folclórico, que é constituído pelos srs. Ventura Fernandes Marques, José Henrique Cavaco, Nicolau Estêvão de Mendonça e Carlos das Dores Cavaco e sr.ª Maria Adélia Estêvão Fernandes, Maria Cândida Cavaco, Maria Virgínia da Assunção e Gertrudes de Jesus Martins, far-se-á acompanhar pelo Presidente da Direcção, sr. José dos Santos Cavaco.

Aniversário — Completou hoje o seu segundo aniversário a menina Maria do Rosário Braz Cavaco, filha do nosso presado correspondente. — C.

Luz de Tavira

O Correo em Amaro Gonçalves — Em referência à noticia que demos no n.º 772 do nosso jornal, de 24 de Abril findo, sobre o facto do empregado da merceria onde é feita a distribuição do Correo emprestar jornais, devemos, para bem da verdade, esclarecer que, de facto, ele emprestava o jornal, mas que esse exemplar pertencia ao sr. José Rodrigues Emídio, nosso assinante e depositário do Correo naquela localidade.

Fomos propositadamente a Amaro Gonçalves para tratar deste assunto — e constatámos também que ali não havia quaisquer reclamações a apresentar sobre o assunto.

Fica, deste modo, portanto, esclarecida a noticia que foi dada pelo nosso correspondente neste sentido.

Realiza-se, hoje, a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, que consta de Missa cantanda e Procissão das Velas, que promete ser muito concorrida.

Ao reconhecer, haverá sermão, sendo pregador um dos melhores oradores da Diocese.

Decorreu com grande brilhantismo, no passado dia 14, a festa em comemoração do 24.º aniversário da Sociedade Recreativa Musical Luzense.

A sala, que se encontrava muito bem ornamentada constituia um ambiente festivo, havendo muitos forasteiros de diversos pontos do Algarve.

Antes de se iniciar o grandioso baile, o qual foi abrilhantado pela excelente orquestra Ibérica, de Vila Real de Santo António, foi ouvido respeitosamente por todos os assistentes o Hino da Sociedade.

Esteve entre nós o nosso conterrâneo sr. José João Pereira, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, em Lisboa. — C.

Loulé

Realizou-se no Estádio Louletano uma grande tarde desportiva no passado dia 15, levada a efeito pelo Louletano Desportos Clube, para abertura da época ciclista nesta localidade.

Neste festival colaboraram os ciclistas do referido clube, Joaquim Apolo, Manuel Apolo, Manuel Barros, Francisco do Serro e Alexandre Cristina; e, do Ginásio Clube de Tavira, José Martins e Justo.

O festival constou de varias provas, destacando-se de entre outras a prova de 80 voltas à pista, para «Independentes», na qual se classificaram em primeiro lugar os seguintes:

1.º, Joaquim Apolo; 2.º, Manuel Apolo; 3.º, Cristina; e 4.º, Francisco do Serro.

Os corredores fizeram uma média de 33,5 km. por Hora, embora o tempo estivesse bastante ventoso.

Campeonato Provincial de Atletismo — Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.

Categoria de Iniciados:

60 metros—1.º Pimenta, c/ 7,3—Ala 2;

2.º Ventura, c/ 7,3—C. E. A. 4.

250 metros—1.º Alfarrá, c/ 32—C. E. A. 4; 2.º Rainha, c/ 33—Ala 8.

700 metros—1.º Bexiga, c/ 1,56 2/10—C. E. A. 4; 2.º Santos, c/ 1,56 7/10—Ala 8.

1.500 metros—1.º Guerreiro Lopes, c/ 5,11—C. E. A. 4; 2.º Farrobo, c/ 5,12—Ala 3.

Peso—1.º Cruz, 11,20 m.—C. E. A. 4; 2.º Cabecinha, 10,84 m.—C. E. A. 4.

Disco—1.º Cruz, 30,20 m.—C. E. A. 4.

Altura—1.º Baptista, 1,60—Ala 2; 2.º Pimenta, 1,55—Ala 2.

Comprimento—1.º Alfarrá, 6,00—C. E. A. 4; 2.º Pimenta/5,56—Ala 2.

Estafeta 3x60—1.º C. E. A. 4—2 2/10.

Estafeta 3x250—1.º C. E. A. 4—1,55 2/10.

Estafeta 3x700—1.º C. E. A. 4—6,12.

Estafeta 3x1.500—1.º C. E. A. 4—18,19, 1/10.

Categoria de Juniores:

80 metros—1.º Leote, c/ 9,3—C. E. A. 4; 2.º Grade, c/ 10—C. E. A. 4.

150 metros—1.º Brito, 18 3/10—Ala 8; 2.º Boal, 18 4/10—Ala 5.

300 metros—1.º Brito, 41 1/10—Ala 8; 2.º Aurélio, 43—C. E. A. 4.

800 metros—1.º Casimiro, 2,15 3/10—C. E. A. 4; 2.º Valentim, 2,16 8/10—C. E. A. 4.

2.000 metros—1.º Casimiro, 6,45—C.

A bem da Língua Portuguesa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ficiente para evitar ou anular os actuais fermentos de corrupção e dissolução da língua portuguesa. O problema tem de ser estudado em conjunto por todos os departamentos do Estado e resolvido pelo Governo na totalidade dos seus ministérios.

A fiscalização do Ministério da Educação Nacional nos domínios da indústria, do comércio e das comunicações nunca poderá ser directa e eficiente. Ora destas actividades sociais, em que interferem interesses nacionais e estrangeiros, vão surgindo dia a dia os estrangeirismos e os solecismos que o povo se vê obrigado a ler e a escrever. Consequentemente, o povo das cidades, e, depois, o das aldeias, ver-se-á constringido a proferir os erros mais vulgares, se quiser entender-se com os comerciantes e os industriais. A reacção natural da oralidade popular será insuficiente para combater a aduletação do idioma que se estatui nos impressos, nos cartazes e nas tabuletas...

O exemplo mais clamante verifica-se nas marcas de tabaco nacional, tais como high-life, unic, tip-top e quejandos disparates que até o homem da aldeia é compelido a proferir se quiser fumar o seu cigarro. Noutros países, — e basta citar a vizinha Espanha, — as marcas de produtos industriais revelam geralmente uma intenção artística, educativa e até nacionalista. Entre nós, porém, os exemplos de desnacionalização idiomática e ideológica abundam nos registos dos beneméritos filólogos, e de tantos agravos, incessantemente repetidos, à língua portuguesa, não pode deixar de sentir-se ofendida a consciência nacional.

Urge, pois, que as sociedades industriais e comerciais de capital português ostentem denominações inteiramente portuguesas, e que os produtos das nossas indústrias não sejam factores de aduletação do nosso idioma e da nossa espiritualidade. Desta exigência nacional se deduzem todos os corolários que, quanto a impressos, cartazes e tabuletas, se encontram consignados no decreto N.º 17.950. Não há direitos adquiridos, nem hábitos inveterados, que adiem ou dificultem a decisão do Ministério da Economia, decisão ansiosamente esperada por todos os filólogos, e não sómente pelos puristas.

Mas para que os serviços do Estado possam, em obediência a determinações do Governo, «defender a pureza e o prestígio da língua portuguesa», conforme se diz no decreto N.º 17.950, importa que no quadro do funcionalismo público esteja prevista a nomeação de um consultor filólogo para cada direcção geral ou para organismo autónomo. O consultor filólogo não é menos útil aos interesses da nacionalidade do que o consultor jurídico.

Aquele funcionário, normalmente habilitado com a licenciatura em filologia românica, deverá participar sempre na organização dos concursos de admissão de pessoal contratado ou vitalício, — para que a prova de língua portuguesa volte a ser considerada a mais difícil e a mais importante para quem se propõe servir o Estado e a Nação.

A defesa do idioma é uma forma de defesa da nacionalidade. Só quem não medite na constituição geográfica de Portugal, na dispersão dos seus povos por vários continentes, nas condições dramáticas da política internacional, poderá admitir que se abandone ao acaso dos acontecimentos e das circunstâncias a incerta evolução da língua portuguesa.

E. A. 4; 2.º Joaquim Duarte, 6,58—Ala 3.

Peso—1.º Vinhas, 10,85 m.—C. E. A. 4.

Disco—1.º Vinhas, 28,05 m.—C. E. A. 4.

Altura—1.º Leote, 1,55 m.—C. E. A. 4.

Comprimento—1.º Leote, 5 m.—C. E. A. 4; 2.º Renato, 4,73 m.—Ala 3.

Triplo Salto—1.º Vinhas, 11,21 m.—C. E. A. 4; 2.º Grade, 11,13—C. E. A. 4.

Estafeta de 3x80—1.º C. E. A. 4—30".

Estafeta de 3x2.000—1.º C. E. A. 4—19,50—C.

Seu amigo R. C.

Este número foi visado pela Delegação de Gensura.

RÁDIO Consertos em todos receptores de T. S. F.
Executa técnico de subida competência.
Nesta Redacção se informa.

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho

VENDE-SE VENDE-SE

Uma CASA na Rua Almirante Reis, 215.

Trata Maria Libania dos Santos Contreiras — Tavira.

Uma COURELA, no sítio do Almargem — Conceição de Tavira, com abundância de água.

Nesta Redacção se informa.

O Receptor
PARA TODAS AS CLASSES SOCIAIS!



**POBRE NO PREÇO
MÉDIO NO FORMATO
RICO NA QUALIDADE**

Alta apresentação; caixa de duas faces com elegantes linhas; características técnicas das mais avançadas. Peça uma demonstração ao Agente Oficial Mediator

MODÉLO 1949



TIPO M 113 U

RECEPTORES DE BATERIAS — AERODINAMOS

GRAFONOLAS

His Master's Voice,
Columbia e Decca

MUSICA em DISCOS

DISCOS: as últimas novidades

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

Venda e aluguer de aparelhagens sonoras

Agência: Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

A venda a prestações não tem aumento de preço, quer em relógios, quer em Joias, Ouro ou Prata.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

TIPÓGRAFO

Meio oficial, com prática de composição e impressão, precisa-se.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

MOTOR fora de borda PENTA com 5 cavalos, estado novo, consumo 1,5 litro por hora.

Rua Alexandre Herculano, 22 — Tavira.

AUTOMOVEL

Vende-se um Peugeot - modelo 1948, estado novo, com 24 mil quilómetros.

Tratar com Manuel dos Santos Prado — Tavira.

VENDE-SE

Uma barraca desmontavel de madeira, com telhado de telha Marselha com 2^m50 x 2^m.

Quem pretender dirija-se a José Maria do Nascimento.

Santa Casa da Misericórdia de Tavira

A Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Tavira recebe propostas em carta fechada para o aluguer do prédio, destinado a habitação, sito na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 225.

As propostas deverão ser enviadas até ao dia 25 do corrente mês e o aluguer dirá respeito ao dia 1 do próximo mês de Junho.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

COURELA

Vende-se ou arrenda-se no Almargem.

Tratar com Joaquim Lima — Quinta do Pinheirinho — Santa Luzia.

VENDE-SE

Uma HORTA, com casas, na freguesia da Luz — sítio da Palmeira.

Quem pretender dirija-se ao guarda da passagem do nível do Cemitério da Luz.

Prédio

Vende-se, com rez do chão e 1.º andar, grande quintal, com dois poços, na Rua 9 de Abril.

Trata-se com João Alegre — Tavira.

BICICLETAS

Vendem se duas em bom estado. Quem pretender dirija-se a José Maria do Nascimento — Casa de Moveis — Tavira.

VENDE-SE

Em Santa Catarina da Fonte do Bispo, uma CASA com quintal, próximo da igreja.

Dirigir propostas em carta fechada a Norberto Rodrigues Corvo, Edifício dos Correios — Tavira.

JOPINHAL

Se provar,
há-de gostar.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120 - 122

TELEFONE 128

F A R O

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório de solicitador Carmo Peres

Os proprietários deste estabelecimento comunicam ao Ex.º Público que acabam de receber um colossal sortido de gabinetes de lã, impremiáveis, sobretudos, cujos preços são de aproveitar, facilitando ainda esta casa o pagamento, a prestações mensais, ou semanais.

Srs. Automobilistas, motociclistas: Visitem o moderno estabelecimento UNIL, onde podem adquirir um bellissimo casaco ou blusa em cabedal com fôrro de lã uo de pele, luvas e passe-montanhas, etc.

Deseja calçar com elegancia? Faça as suas compras na UNIL Sempre novidades, para cavalheiro, senhora e criança. Já V. Ex.ª reparou que uma gravata, uma camisa, um chapéu, um pulover, ou qualquer outro artigo adquirido na UNIL, dá bom tom e distinção?

Rua Estácio da Veiga, 19

TAVIRA

VENDE-SE

Uma HORTA no sítio de Amaro Gonçalves, com diverso arvoredo, terra de semear e ca-

sas. Tratar com António Pacheco de Mendonça — Sítio da Campina — Luz de Tavira.

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Fariinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13